

PRINCIPAIS CONFLITOS DA ESTRUTURA HOMOSSEXUAL E OUTROS CONFLITOS HETEROSEXUAIS

Ir. Paulo Dullius¹

1. Situando a questão.

Considerações, reflexões e estudos já realizados nos colocam diante de uma complexidade bastante grande, quando se abre o leque da realidade sexual e suas diferentes expressões. A forma e a especificidade da expressão da sexualidade obedecem, em grande parte, ao estágio de maturidade da pessoa. Pessoas com maior capacidade de amar têm, em geral, uma sexualidade mais integrada e oblativa. A sexualidade é vivida como sendo complexa, como simbólica e como plástica - cada vez mais distante de um determinismo provindo do controle hormonal, típico dos animais - assumindo um controle neurológico nos animais superiores, entre os quais, o homem. A questão homossexual é uma questão nada inocente. Todos nos sentimos, de alguma forma, envolvidos e ameaçados. Ela suscita uma série de fantasmas individuais e coletivos. Ela indica a capacidade humana e sua sensibilidade frente à aceitação ou não, frente ao amor ou ao desamor.

As pesquisas às quais se tem acesso indicam uma complexidade de fatores que interferem no comportamento humano, incluindo o sexual e, dentro dele, o homossexual. Há certa tendência, inconclusa, de considerar os fatores biológicos não tão decisivos quanto os educacionais, os socioculturais e outros. Ultimamente tem-se dado menor valor científico aos fatores biológicos. As experiências feitas não permitem conclusões muito encorajadoras. Comportamentos aprendidos por gerações - incluindo os homossexuais e outros - podem se tornar tão condicionantes parecendo genéticos. No entanto, pode tratar-se, apenas, de estilos aprendidos, copiados, assimilados e solidificados ao longo de várias gerações. O fator educacional não se refere unicamente a aspectos intelectuais ou culturais, mas também a padrões de comportamento e de aceitação por parte do grupo e, nele, o indivíduo aprende a aceitar-se, ou fere-se como reação à não-aceitação.

Nas reflexões que seguem é preciso ter presente uma complexidade de aspectos, olhadas especialmente do ponto de vista antropológico, daquilo que caracteriza cada ser humano e desta permanente tendência ao bem, à verdade, à beleza e à realização positiva de suas características dentro de determinada cultura. Trataremos brevemente de alguns dados de caracterização da homossexualidade. Precisamos avaliar o nome e o seu conteúdo subjacente. Na busca de compreender melhor a questão, convém tratar brevemente dos conflitos humanos básicos, decorrentes de sua estrutura ontológica. Estes conflitos estão presentes em cada ser humano. Consideraremos como estes conflitos têm sua ligação com a homossexualidade. Há também medos importantes a considerar que se aproximam da compreensão da dinâmica interna de uma estrutura homossexual. Atitudes

¹ Ir. Paulo Dullius, Irmão de La Salle, é membro do Grupo de Reflexão de Psicólogos da CRB do Rio Grande do Sul e membro da Equipe de Reflexão Psicológica da CRB Nacional. Formado em Filosofia e Teologia. Com Licenciatura e Mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, e Doutorado em Antropologia Filosófica, pela Universidade Pontifícia Salesiana, de Roma.

gerais decorrentes – incluindo a homossexual – facilitam entender a complexidade humana. Sempre convém ter presente que estas mesmas atitudes e medos estão em todos os seres humanos de alguma forma, com intensidade diferente e com especificações próprias da pessoa que as organizou a partir de sua psicogênese, de sua experiência vivida e integrada.

2. Algumas especificações teóricas.

A questão da homossexualidade afeta a todos. Para abordá-la pode ser bom e proveitoso ter uma idéia sintética do informe Kinsey sobre *homossexualidades*². Este relatório busca estabelecer uma diferenciação tipológica do mundo homossexual. Isso reforça a realidade da homossexualidade como sendo diversa e complexa. Os autores, correlacionando diversas medidas, segundo diferentes aspectos da experiência sexual, estabeleceram uma tipologia com cinco grupos diferentes: a) *Pares fechados*, correspondendo ao grupo de homossexuais que vivem em par – com outra pessoa – com uma relação quase matrimonial; b) *Pares abertos*, que se caracterizam fundamentalmente por uma insatisfação em suas vidas de ‘casal’; c) *Funcionais*, os que têm grande número de parceiros sexuais, e experimentam fraco sentimento de desconforto por serem homossexuais; d) *Disfuncionais*, também apresentam grande número de companhias sexuais, mas têm alto sentimento de ‘culpa’ por serem homossexuais, bem como em outros problemas sexuais; e) *Assexuais*, com pouca atividade sexual e profundos problemas sexuais, bem como culpa por serem homossexuais. Esta tipologia caracterizada nos cinco grupos leva os autores a falarem de um contínuo *homossexual-heterossexual* onde cada qual se situa, incluindo os assim chamados heterossexuais. Dá para perceber que, para a maioria dos homossexuais, o sexo não é uma preocupação especialmente dominante. Não existe o homossexual puro como tampouco existe o heterossexual puro. Em geral, quando se fala da homossexualidade tem-se quase única e exclusivamente em consideração a homossexualidade dos pares fechados.

É útil ter presente esta tipologia, mas não pensar que é exaustiva, pois é parcial e se refere, sobretudo, a situações mais graves, quando, na realidade, há uma gama enorme de expressões, muitas delas nunca constatadas em pesquisas ou trabalhos terapêuticos. Para compreender esta questão sempre se precisam usar os melhores métodos para ter acesso à psicogênese e à psicodinâmica. Psicogênese se refere à história pessoal, sobretudo desde a vida intrauterina em diante; psicodinâmica significa a estrutura de personalidade que cada qual organizou a partir da psicogênese. As pessoas não podem mudar a psicogênese. Ela faz parte dos dados não escolhidos, mas que têm sua influência na pessoa. São a dadidade, ou seja, aspectos que não se pode mudar tais como: sexo, pais, raça, cultura, local, família, ocasiões de primeira educação, parentes, etc. Mas as pessoas podem, compreendendo amplamente a psicogênese e o que ela envolve, fazer intervenções em sua psicodinâmica, em sua estrutura de personalidade. Os melhores métodos para isso são aqueles que estão baseados na melhor e mais completa visão antropológica - aquela que tem acesso ao total vivido - e ajudam na compreensão e reconciliação com a

² Citado por A.P. BELL e S. WEINBERG. **Homossexualidades. Informe Kinsey**. Madrid, Ed. Debate, 1979.

história, incluindo redimensionamento da estrutura psicodinâmica resultante. Trata-se de facilitar um re-posicionamento frente ao vivido. Este reposicionamento requer a inclusão de vários aspectos humanos, sobretudo o afetivo, o intelectual e volitivo, a nível consciente e inconsciente.

Os conflitos subjacentes correspondem aos problemas afetivos, dentro e fora da pessoa. Dependem também do tipo, do grau e do número de inconsistências ou imaturidades presentes. Por inconsistência se entende aqui uma dissonância entre a motivação consciente e a motivação inconsciente. A motivação inconsciente inclui toda a memória afetiva, todo o vivido, ou seja, todas as experiências positivas e negativas que a pessoa assimilou, a seu modo, desde a concepção em diante. Inclui, portanto as experiências de nível físico, psíquico e espiritual, as experiências afetivas, intelectivas e volitivas. Destas experiências decorrem diferentes predisposições à ação. Quando o conteúdo dominante inconsciente é contrário às motivações conscientes, então podemos falar em inconsistência. Esta pode ser tanto psicológica quanto social³. Quando falamos das inconsistências é preciso também ver bem quais conteúdos são os que estabelecem a inconsistência. Se forem mais centrais à autoestima, esta inconsistência terá maior força sobre o comportamento. Importa também ver quantos e quais aspectos antropológicos estão mais 'feridos' ou bloqueados. Quanto maior e mais abrangente este ferimento, maior será a predisposição a usar formas não livres no agir.

Além do tipo e do número, convém também estar atento ao grau de força que um conflito exerce sobre o quotidiano das pessoas envolvidas. Pode-se considerar que está presente sempre, muitas vezes, quase nunca ou nunca nas motivações, na consecução dos objetivos, na fidelidade à causa assumida, na convivência diária, na dimensão de apostolado ou emprego, no crescimento espiritual.

A operacionalização destes aspectos (tipo, grau, número) pode fornecer a compreensão diferenciada - se estamos mais próximos à patologia ou mais próximos à ação livre e adulta. Pessoas que estão condicionadas quase sempre por aspectos centrais de sua autoestima, percebem que repercute em vários aspectos de seu ser e agir, estas pessoas estão mais próximas à patologia. Vale também o contrário: pessoas poucas vezes sob a influência do conflito, em aspectos mais secundários, têm mais condições de crescer na vida. Um mesmo sintoma não pode ser considerado sempre como sendo patológico no sentido amplo da palavra. Mas pode também ser grave. Vai depender destes aspectos acima considerados.

3. Homossexualidade como patologia ou como estrutura?

Como se designaria a homossexualidade? Antes destas especificações, convém fazer uma observação prévia. Quando se repudia a discriminação dos homossexuais e de outras pessoas, é porque em dignidade humana todos somos iguais. A aceitação da qual se fala se refere sua à dignidade presente em todos os seres humanos, independente de cor, raça, etnia, sexo, nacionalidade, religião, etc. Mas sua realidade chama a atenção porque se contrapõe aos comportamentos instintivos entre homem e mulher

³ Para uma compreensão mais detalhada das inconsistências, vejam-se as obras de Luigi M. Rulla, especialmente *Psicologia do Profundo e Vocação, o glossário*.

incluindo, expectativas de expressão humana, e nela a sexualidade. Precisamos sempre preservar a dignidade humana e distinguir sua intencionalidade interna profunda e as formas fenomenológicas de seu ser e de seu agir. Aceitar sua dignidade incondicional não significa aceitar incondicionalmente todas as formas de expressão. As diversas designações encontradas até o presente momento indicam duas coisas: a) a pesquisa ainda está inconclusa; b) trata-se de uma realidade complexa. Até agora se tem falado muito da homossexualidade como sendo uma *patologia*. Esta posição se refere centralmente à finalidade da sexualidade, vista mais na linha da procriação ou da expressão entre homem e mulher. É questionável esta caracterização, pois a patologia se refere a um grau de desorganização e não a um tipo de estrutura. Claro, a estrutura indica uma forma de organização que inclui formas patológicas ou não patológicas. Podemos aceitar que há casos de patologia na homossexualidade assim como os há em outros estilos de personalidade. Mas destes casos não se pode generalizar para todos os comportamentos similares. Podemos também falar em *tendência, inclinação* como tem sido falado bastante. Em certos âmbitos ouve-se esta expressão, como forma atenuante da questão. Certamente há tendência, mas isso parece minimizar um tanto a realidade psicogenética e os reforços decorrentes. Modificar uma tendência é bastante fácil. A experiência mostra que não é tão fácil a mudança em se tratando da questão da homossexualidade. Numa designação contrária tem-se empregado o termo *condição*. Alguns moralistas têm-se inclinado para adotar esta terminologia. A *condição* apresenta forte resistência à mudança, pois está enraizada num passado praticamente inacessível. Mas isso pode ser uma conclusão um pouco apressada. A inacessibilidade ou acessibilidade vai depender em grande parte do método terapêutico disponível como teoria e como terapia. Ela se centraliza na psicogênese. A *condição* inclui certo 'determinismo'. Adotando certa irreversibilidade, cabendo à pessoa a aceitação, e à sociedade superar os preconceitos. Mas, é preciso reafirmar: cada pessoa tem em si uma grande capacidade de superação de seus ferimentos afetivos. Esta superação vai depender de alguns fatores: a força do eu, o contexto, o método e os ideais existenciais, e outros. Ainda se pode falar em *organização* homossexual. Este termo equivale bastante a *condição*, ou seja, a pessoa se organizou assim e compete a ela aceitar esta organização. Além disso, fala-se em *dinâmica* homossexual. A dinâmica indica os mecanismos que impulsionam a pessoa a agir de uma determinada forma. Seria uma dinâmica que desencadeia comportamentos homossexuais. Desta dinâmica deriva a questão da *opção* homossexual. Muitas vezes esta opção – como outras – tem por finalidade explícita ou implícita diminuir a dor e a ansiedade e tornar manejável uma estrutura conflitiva subjacente. Não está, neste caso, claro todo conjunto de fatores que levam a esta opção. A opção homossexual não elimina os conflitos. Estes voltarão a manifestar-se em longo prazo, não podendo a aceitação social suprimi-los. Finalmente, podemos falar também de *estrutura* homossexual. Trata-se de uma estrutura de personalidade ou de uma psicodinâmica, mas que é resultante de uma determinada psicogênese. Há aspectos psicogenéticos como desejos de ambos os pais, de um deles ou de outra pessoa significativa em relação ao gênero da criança. Ela sabe sua identidade de gênero, aceitou-a, mas não é aceito como é. Isso faz ela redimensionar aspectos de seu ser e de seu agir, assumindo uma outra estrutura para além da inicial. Daí, o conhecimento da estrutura precisa explicar-se na psicogênese.

Todas estas diferentes denominações carecem de uma ampla compreensão antropológica e dos meios disponíveis para avaliar a questão. Dentro de minha compreen-

são, inclino-me pela expressão *estrutura homossexual*. Esta concepção valoriza tanto a psicogênese quanto a psicodinâmica - o que facilita uma avaliação mais objetiva sobre os condicionamentos facilitadores e obstaculizadores de superação, considerando, sobretudo, a metodologia disponível, a compreensão de pessoa, os fatores intervenientes que estabelecem o grau do enraizamento da estrutura e os meios para uma liberdade interior mais ampla. Deste acesso à psicogênese e à psicodinâmica, analisando sua 'gravidade' pode-se estabelecer um prognóstico mais favorável ou menos favorável. Em geral este prognóstico – dependendo do método terapêutico – é bastante positivo.

4. Medos básicos - desejos básicos: rejeição (aceitação) – solidão – distância e separação (união).

Desde o momento em que a pessoa se dá conta que ela existe⁴, ela percebe que é aceita por Deus, com direito de viver e amar. Ela também aceita seu gênero dentro do qual assume o compromisso de amar na sua especificidade. Por isso, os conflitos e/ou medos básicos estão na dúvida ou certeza de não ser aceito. Os conflitos se dão entre o que a pessoa desejaria ser – isto é, o desenvolvimento positivo do conjunto e de cada aspecto de sua estrutura antropológica – e a inter-relação com as pessoas significativas, nos aspectos e formas pelas quais essas oferecem ou reforçam experiências contrárias ao profundo interior positivo. Como todos podemos verificar com facilidade, esta realidade de desamor é frequente, e por isso a instauração do conflito acontece. A presença dele se transforma num medo mais amplo ou mais específico, mais superficial ou mais profundo. Todos temos medo da rejeição do direito de viver ou de alguma de nossas características. Desta rejeição total ou parcial decorrem processos de autodestruição, autorrejeição, autopunição. Quanto maior a rejeição, menor, em geral, é a autoestima, e há um comprometimento mais duradouro com esta situação quando há reforços comportamentais refletidos em aspectos difíceis de esconder, como o corpo, por exemplo. Decorrem sentimentos de inferioridade e de inadequação. Portanto, certamente, desde o início, é o mundo do adulto, aprendido ou introjetado, que fornece os parâmetros da aceitação ou não-aceitação. Evidentemente, este medo referente ao nosso todo ou a alguma particularidade nossa todos carregamos, de alguma forma. A todo processo de amor correspondem também desejos⁵ positivos transformados em atitudes e em ideais. Às experiências de desamor correspondem também desejos que procuram de alguma forma recuperar, compensar ou corrigir as experiências negativas. Desejos podem ser, portanto, de qualidade e de intensidade diferente. O desejo mais profundo e último sempre é positivo e está enraizado na estrutura ontológica do ser humano.

⁴ As pesquisas referentes ao acesso direto ao inconsciente indicam que a pessoa começa a existir na concepção e se dá conta dela e do ambiente a partir deste momento, assumindo desde então decisões e posições em relação a si e aos demais, que são para o presente momento ou para qualquer momento de sua vida. Ela usa a variável do amor e do desamor para avaliar sua vida, seu significado para os demais, sua aceitação e a forma idealizada dos outros significativos em relação a ela.

⁵ Desejo: DELATTRE, Roland. in **Enciclopedia delle Religioni**, Jaca Book, Milano, 1996, vol. 3 (L'Esperienza: vita religiosa individuale e collettiva), p. 139-147. O autor faz uma análise boa sobre a origem mais espiritual do desejo, em contraposição aos desejos comumente conhecidos da linguagem mais psicanalítica.

No caso da homossexualidade, **o medo da rejeição** quanto à identidade de gênero desempenha papel decisivo. Em geral, trata-se de uma reação inconsciente, oriunda da constatação do próprio gênero confrontado com os desejos de um ou de ambos os genitores, ou de outras pessoas significativas, da concepção em diante. Outras vezes até subjaz o medo de não ser aceito pelo pai - por ser filho de outro homem; tem medo de não ser aceito, e também procura inconscientemente a aproximação dele e seu reconhecimento. Na missão clínica percebem-se situações quase dramáticas em algumas pessoas para se fazerem aceitar como são. Se, mesmo após o nascimento, elas continuam sendo rejeitadas por sua identidade de gênero, elas mesmas concluem que 'são um erro' e, além de retraimentos de diversos tipos, acabam reprimindo sua identidade que sabem que têm, para adotar uma falsa verdade lhes impingida pelo mundo do adulto. E o fazem para diminuir a dor, resultando em diversas formas de culpa com intensidade diferente, ou em raiva reprimida que terá seus efeitos no físico, no psíquico e no espiritual. Não podemos esquecer que o adulto serve de referência para a estruturação de padrões de conduta. A criança reprime sua forma de se ver e assume a visão de adultos, a expensas de grande sacrifício e frustrações. Mesmo sabendo que o adulto está errado, ela ainda prefere destruir a sua verdade e adotar a inverdade dos adultos como verdade. Em geral, a maior parte da nossa aprendizagem se dá por identificação e por indicação, e esta, na maioria das vezes, provém do mundo adulto: "faça isso", "não faça aquilo", "isso sim vai lhe ajudar", "seja assim", "seja como seu pai, sua mãe" etc. Passamos muito tempo nos comparando, nos julgando. O processo de identificação incide nos modelos que são propostos pelo mundo adulto, sejam eles do mesmo sexo como do sexo diferente.

Todos nós somos testemunhas das manobras que um ser humano é capaz de fazer para evitar a rejeição e para ser aceito. Certamente esta fragilidade sobre a aceitação, no caso do homossexual, é bastante acentuada. E incide na sexualidade genital e na estruturação decorrente. Outras formas de rejeição total ou parcial podem levar à autorrejeição de gênero, mas sem expressão específica na sexualidade genital. Este medo à rejeição está na base de tantos outros conflitos e de tantos outros medos.

Um **segundo medo básico**, podemos encontrá-lo no medo da rejeição ligado ao medo da **solidão**, ao medo de estar separado e distante. A ruptura, a diferença, o distanciamento são formas que criam medo e conflito. Todos sonhamos com a superação da distância e da diferença. A nostalgia da união é a maior das nostalgias. A separação da mãe e de outras pessoas significativas cria conflitos e alimenta o desejo da união e de certa 'fusão' para anular a distância e a separação recuperando, assim, a sensação de existir e de ser importante. Vários vínculos afetivos têm relação direta com esta realidade. O namoro, por exemplo, quer anular a distância do tempo e do espaço. O sentimento de solidão pode fazer querer uma presença permanente de alguém para assegurar-lhe que está vivo, que é aceito, que pode ser o que realmente é. Todos nós de alguma forma nos deparamos com este forte desejo de união e precisamos fazer um verdadeiro 'trabalho de luto' para renunciar a querer superar a distância e a diferença entre o meu eu e o eu dos outros. De alguma forma, dentro da caracterização própria, este medo também está presente na estrutura (psicogênese e psicodinâmica) homossexual, sobretudo se a diferença e a distância são acentuadas pela educação, pela sociedade e pela cultura sob a forma de preconceitos e exclusões. De alguma forma é quase impossível a dinâmica homossexual livrar-se desta solidão e distanciamento, pois a pessoa mesma – consciente ou inconscien-

temente - sente e sabe que na base de sua opção está um conflito de aceitação ou não, o que indiretamente indica uma ameaça para a união e uma possibilidade sempre presente de reforçar a rejeição e a separação.

No trabalho clínico e no dia-a-dia, as manobras para superar diferenças e distâncias na dimensão de pertença ao grupo, da identidade própria... são bem conhecidas, tais como a avaliação sobre a aceitação, o medo da exclusão do grupo, e outras. Elas envolvem as forças afetivas, cognitivas e comportamentais de diferentes formas.

Constata-se, em geral, grande ansiedade presente nas pessoas que são rejeitadas, que são isoladas. Este grande medo da rejeição se dá em todas as pessoas e de tipologias as mais distintas. É que, por natureza, as pessoas têm uma estrutura que naturalmente pressupõe a aceitação, a valorização e a presença das outras pessoas. No caso da homossexualidade, a grande dúvida sobre sua normalidade faz-se presente, se não consciente, inconscientemente. Igualmente se pode perceber grande luta interior, que é um gasto de energia regressiva ou arqueológica voltada ao passado. A superação de todas as formas de rejeição e a aceitação da individualidade e da separação como condição humana permitem utilizar estas energias libertas a favor de uma causa teleológica, finalística. Por isso, mesmo para a questão da homossexualidade, a superação dos conflitos intrapsíquicos e também sociais vai diminuir a ansiedade, e pode-se esperar um engajamento sadio a favor de causas humanistas ou teocêntricas.

As rejeições pelo gênero podem ter efeitos diferentes nos homens e nas mulheres. Como a sexualidade, especialmente a genitalidade, é um dos traços básicos do homem na construção de sua identidade e autoestima, sua rejeição mais facilmente tem reflexos na sexualidade genital. Mulheres - mais vezes e por diversas razões - podem não se aceitar como mulheres, podem desenvolver alguma característica masculina e se sentirem inferiores, mas podem não desenvolver uma estrutura lésbica, e a questão sexual não ser central. Pelo que se constata, tudo vai depender da compreensão, da interpretação que a pessoa faz dos desejos expressos e inconscientes dos outros em relação a ela e das reações que ela decide estruturar em si para diminuir o medo da rejeição ou da separação.

Em síntese, medos e desejos andam bastante próximos. Em geral, a um medo corresponde um desejo⁶. Ao medo de rejeição sempre corresponde um desejo de aceitação; ao medo da separação e do isolamento corresponde o desejo de união; a uma lacuna existencial correspondem idealizações compensatórias.

5. Outros medos: dependência, dominação...

Podemos considerar também outros conflitos ligados à estrutura homossexual. Conflitos diretamente homossexuais, para serem designados como tais, precisam envolver bastante a sexualidade genital, e ainda dentro da tipologia acima especificada. De alguma forma é preciso aceitar a plasticidade da sexualidade – e da homossexualidade. Todos

⁶ Leloup faz uma lista evolutiva de medos e desejos. Veja-se: Jean-Yves LELOUP. **Caminhos da Realização**, Petrópolis, SP, Ed. Vozes, 1998, p 41.

sabemos da multifatoriedade presente na integração ou não integração da sexualidade. Conflitos relacionados à agressividade, à inferioridade, à carência afetiva, à identidade, à dominação, aos desafios diante de perigos e diante de tarefas desafiadoras... podem usar a sexualidade para se expressar. Desta forma, parece que os conflitos da sexualidade e da homossexualidade são sempre segundos e decorrentes, ou seja, não originais nem os primeiros. Seguir o critério de ego-sintônico ou ego-distônico – como alguns autores falam – para avaliar os conflitos da homossexualidade parece ser um caminho um pouco frágil. Considera-se, neste caso, a dimensão consciente ou mesmo a solução da questão reprimindo alguns aspectos para diminuir a dor⁷. Às vezes é preciso realizar uma verdadeira ‘epoché’, ou seja, colocar entre parênteses o conceito de sintônico ou distônico⁸ para compreender a homossexualidade. Uma coisa é a afirmação consciente que pode ser ego-sintônica ou ego-distônica; outra coisa é uma avaliação inconsciente da mesma questão. Pelo consciente mais facilmente as pessoas manejam a preservação da autoestima e a aceitação pessoal e social. Hendin⁹ analisou a realidade da juventude americana da década de 70 e verificou que a questão do sintônico e distônico não existe na estrutura profunda dos homossexuais, mesmo afirmando serem ego-sintônicos. O que realmente existe é um conflito interior sobre aceitação, sofrimento, inadequação, dúvida sobre aceitação e fortes traços de ego-distonicidade. Pode e deve haver uma sadia tensão entre o sintônico e o distônico, não apenas neste caso, mas em todo processo de conhecimento. No entanto, um grande passo para um caminho mais livre consiste em diminuir a ansiedade distônica para encontrar uma boa quantidade de sintonicidade e poder abrir-se a uma maturidade existencial significativa que permita ‘amar e trabalhar’ reconciliado e pacificado¹⁰. Isso supõe um itinerário que envolve vários passos. Vários deles nos são apontados por Paul Ricoeur¹¹: a passagem do esquecimento à memória, a compreensão do vivido, a reconciliação e a pacificação¹². A passagem do esquecimento à memória ajuda a identificar a conflitividade: tipo, intensidade e os fatos intervenientes no estabelecimento dos conflitos. Avalia-se a psicogênese. É também o momento de compreender a dinâmica interna como resposta às disposições externas, interpretadas dentro da dialética do amor/desamor. Olha-se a psicodinâmica¹³. Muitas vezes esta passagem abre aspectos inesperados de circunstâncias, de fatos e sugestões que resultam mais tarde em manifestações homossexuais. O árduo, doloroso e demorado trabalho de integração, de ‘luto’, de

⁷ Leon FESTINGER avaliou isso em “Teoria da Dissonância Cognitiva”, chamando a atenção da (?) tendência de solucionar dissonâncias de diversos tipos, podendo, como consequência, resultar uma dimensão regressiva ou progressiva, segundo a orientação que se toma para resolver qualquer tipo de dissonância.

⁸ Ego-sintônico quer dizer que a pessoa não se sente mal com o conflito, mas o aceita (no caso de doenças físicas ou mesmo psíquicas se fala em ‘crônico’); ego-distônico refere-se a não-aceitação da situação, dos sintomas (no caso de doenças fala-se em ‘agudo’).

⁹ Herber HENDIN. *The Age of Sensation. A Psychoanalytic Exploration of youth in the 1970s*. New York, McGraw-Hill, 1977, p 105 ss, sobre “O novo homossexual”. O autor analisa a liberdade sexual e outros aspectos na juventude americana. Constatou que – já que existem pouco compromisso e envolvimento emocional – desapareceu a confiança. E a confiança é a base de toda a vida social... Só com confiança presente nos relacionamentos, pode-se prever um compromisso de crescimento. A confiança só é possível se vejo no outro um empenho em algo absoluto, de uma religião.

¹⁰ Freud classificou a pessoa adulta como aquela que é capaz de amar e de trabalhar. Ricoeur fala da importância da reconciliação e da pacificação, especialmente considerando a memória.

¹¹ P. RICOEUR. *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. Paris, Éd. Du Seuil, 2000. Tradução italiana D.Iannotta, La memoria, la storia, l’oblio, Milano, Raffaello Cortina Editore, 2003.

¹² Em outro lugar tive ocasião de desenvolver bem estes passos, sobretudo aplicados à formação na vida religiosa consagrada, bem como o caminho e o processo terapêutico.

¹³ Não podemos modificar a psicogênese, mas podemos modificar a psicodinâmica dela decorrente.

separação destes condicionantes requer uma reconciliação consigo e com o contexto. Desta reconciliação pode-se chegar a uma pacificação, não resultante de repressão, mas de processos humanizantes. Isso facilita a solução de conflitos nos aspectos em questão.

Oversey¹⁴ aborda três tipos de homossexualidade: a homossexualidade aberta, a pseudo-homossexualidade e o medo da homossexualidade. Cada uma tem seus conflitos específicos. A própria distinção ajuda na identificação dos conflitos. Oversey olha a forma de presença de três variáveis: a dependência afetiva, o poder e a gratificação sexual como tal. Claro, ainda faltaria considerar a intensidade, a gravidade destas variáveis e sua repercussão no dia-a-dia quanto à autoestima, à consecução dos objetivos na vida, à capacidade de fidelidade a seu estado de vida, sua repercussão nos relacionamentos sociais, inclusive no trabalho. Esta descrição fenomenológica ainda não explica a dinâmica inconsciente presente. Contudo, ao menos permite abrir o leque de compreensão deste complexo fenômeno. Apenas na homossexualidade, a motivação sexual é a principal. A busca de satisfação deste desejo torna-se intenso e se transforma em objeto de desejo. A dinâmica subjacente pode ser complexa, e a pessoa pode não querer abrir mão do modelo aprendido, pois lhe custou muito assumi-lo e teria que reconhecer ter-se equivocado em corresponder às expectativas de outros em vez de seguir a verdade que ele percebia em si mesmo. Às vezes, nesta atração há uma história de homossexualidade que vem de várias gerações e se transforma numa predisposição que pareceria até atingir sua predisposição biológica. Esta variável se refere a uma estrutura homossexual e não inclui fatos esporádicos não desejados da infância ou em circunstâncias de alta presença de ansiedade social ou de repressão.

Na pseudo-homossexualidade a motivação relaciona-se mais com a dependência afetiva e com o poder como busca de vínculo com outra pessoa. A gratificação sexual é secundária, ainda que presente. A pessoa vai à busca de uma pessoa que se mostra como capaz de gratificar as lacunas afetivas. Este é o caso possível quando o pai é exageradamente rígido ou inexpressivo ou ausente, dificultando uma adequada identificação: o homem pode querer um pai compreensivo e que o oriente e lhe dê segurança e confiança; a mulher também pode sentir medo do pai ou se desinteressar pelo homem olhando a forma do significado da presença masculina, representada por seu pai. Pode também suceder algo similar em relação à mãe. Uma mãe demasiado submissa ou demasiado exigente e distante pode desestimular ao homem procurar uma mulher por medos ou por desestímulo; pode a mulher procurar uma mãe mais acolhedora.

Observe-se que, em geral, há certa tendência em que os homens sigam bastante a forma de ser do pai, e as mulheres, a forma de ser da mãe. Em alguns casos essa é uma experiência que vem de geração em geração. Em síntese, neste caso, o conflito não é em si homossexual, mas relacional e de identificação com a figura masculina (pai) e/ou feminina (mãe). Recordemos novamente que o adulto serve de modelo e, em geral, dele aprendemos nossos padrões e valores sobre o comportamento, incluindo o sexual. A este caso incluem-se também abusos sexuais homo ou heterossexuais que estão presentes na memória afetiva e predispoem respostas identificatórias. Se há abusos sexuais, a criança – mesmo rejeitando – capta também uma mensagem: a de que é algo importante para o

¹⁴ L. OVERSEY. **Homosexuality and Pseudohomosexuality**, New York, NY, Science House, 1969, p 28-31.

adulto, portanto desejável. Pode ser que um dia ela queira repetir esta experiência. A falta de pessoas com as quais se identificar de forma adequada pode favorecer este tipo de realidade. Hoje a ausência de um ou dos dois pais pode favorecer esta reação. As pessoas precisam sentir-se seguras, aceitas e 'cuidadas' no seu processo de crescimento e de identificação.

Há também pessoas que têm medo de serem homossexuais, mesmo não sentindo atração ou mesmo sem nunca terem tido experiência homossexual. Às vezes, experiências de certo estágio de desenvolvimento ou de estado de ânimo depressivo provocam desinteresse por pessoas do sexo diferente e, assim, a pessoa pode fantasiar ser homossexual. Mas, neste caso, trata-se de um conflito psíquico que entra na avaliação de seu grau de desorganização e classificação diferente.

A psicanálise viu a importância da identificação com a figura materna e paterna. A figura materna como símbolo do processo de união; o pai como presença da diferença e da separação. A forma pedagógica desta presença tem sua importância na questão homossexual. O narcisismo se situa neste caminho intermediário¹⁵. Além de significar um traço cultural de nosso tempo¹⁶, também significa um conflito que impede a verdadeira alteridade e o crescimento.

Retomando, mesmo nestes casos acima, vale novamente avaliar os medos mais profundos de rejeição de solidão, de busca de aceitação e de valorização... e os respectivos desejos de aceitação, valorização e união.

6. Atitudes decorrentes: desconfiança, hipersensibilidade, vulnerabilidade.

Com certa frequência encontramos esta trilogia ligada à homossexualidade: desconfiança, hipersensibilidade, vulnerabilidade. Ela está presente não apenas na homossexualidade, mas em toda pessoa que está marcada por fortes experiências de desamor, isto é, de rejeição, de isolamento, de agressividade, de exclusão seja no nível físico, psíquico ou espiritual, e em qualquer das três potencialidades (afeto, inteligência, vontade). O tipo destas influências pode caracterizar mais uma ou outra destas atitudes ou, ainda, outras. As pessoas amam na medida em que foram amadas ou conforme elaboraram esta questão. Diante do desamor, em geral desenvolvem diferentes formas de auto-agressão ou desvalorização, agressão a outros em suas formas mais diretas ou indiretas ou, ainda, procuram compensar o desamor. Tudo isso se expressa em sua dimensão física, psíquica e espiritual e repercute também no afeto, na inteligência e na qualidade das decisões a tomar, segundo os valores assumidos.

¹⁵ Para uma compreensão deste aspecto, além da literatura psicanalítica em geral, convém ter presente o estudo significativo de Carlos Domínguez MORANO, *Los registros del deseo. Del afecto, el amor y otras pasiones*, Bilbao, Desclée de Brouwer, 2001, sobretudo, p 145-208: Un amor diferente: la homosexualidad; Vida y muerte de Narciso.

¹⁶ Também é útil neste contexto, de Christopher LASCH. *A cultura do narcisismo*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983.

Por vezes, estas dinâmicas foram constatadas em certas patologias, especialmente na paranoia, razão pela qual se tem feito alguma relação com esta forma estrutural da personalidade, e mesmo, incluído facilmente qualquer manifestação homossexual no quadro das patologias. Não se podem confundir tais coisas. Cada situação tem sua causa e sua psicogênese. Quando o medo da rejeição é intenso devido a experiências vividas, as ameaças são transferidas às situações de hoje e às pessoas de outros momentos. O medo de reforçar os ferimentos anteriores pode intensificar os medos e as desconfianças. Há pessoas que vivem uma intensa desconfiança oriunda, por vezes, especialmente de um dos genitores, e podem, em consequência, desenvolver comportamentos de pseudo-homossexualidade ou mesmo homossexualidade. A reconquista da confiança é um caminho árduo e longo, mas importante para superar conflitos, sintomas e estruturas, incluindo a homossexual.

Uma pessoa muito ferida em sua autoestima, especialmente derivante de sua identidade de gênero, pode desenvolver uma hipersensibilidade nesta área e em outras para evitar ataques. Sua intuição, sua sensibilidade captam facilmente as intenções dos outros. Muitos chamados “sensitivos” são deste grupo. A constante é um ferimento na autoestima a tal ponto que suas energias são usadas para se defender, não lhes permitindo estabelecer uma separação ótima entre seu eu e o eu dos outros, ou seja, entre o eu e o mundo externo. Na dinâmica homossexual esta hipersensibilidade está bastante presente. O conhecimento das causas e a recuperação da autêntica autoestima vão diminuir este medo e esta sensibilidade. Aumentando a aceitação, diminui a rejeição, e a capacidade de ‘trabalhar e amar’ torna-se uma possibilidade maior. Diminuindo a sensibilidade, a pessoa precisa também abrir mão dos ganhos secundários decorrentes desta sensibilidade, ou seja, desta facilidade em captar, inclusive, o interior das outras pessoas.

A vulnerabilidade desenvolve uma vigilância, especialmente negativa e preconceituosa, diante dos relacionamentos. Medos de rejeição e de solidão aguçam dinâmicas de vigilância e de observação que gastam muita energia que poderia ser disponibilizada para o crescimento. Não é difícil compreender que todas as pessoas com fragilidade de autoestima, sobretudo num ambiente adverso, desenvolvam esta vigilância para proteger a estrutura vulnerável presente, construída ao longo da vida. Pode-se, também, compreender bem que a sexualidade se constitui num destes campos frágeis nos quais repercutem a valorização e a autoestima. Precisamos, contudo, garantir um mínimo de aceitação da pessoa em sua dignidade como tal para que ela possa viver sem tanta ansiedade e medo, e possa viver com sentido as opções que fez, e segui-las com uma maturidade cada vez maior, superando traços conflitivos.

4. O homossexual pode casar ou pode ser religioso/a?

Esta é uma questão prática sobre a qual apenas acenarei algumas ideias. Partindo de estudos feitos,¹⁷ pode-se concluir que a conflitividade entre os homossexuais e entre os heterossexuais não apresenta diferença significativa. Muitos conflitos ligados à homossexualidade estão mais diretamente ligados a conflitos intrapsíquicos. Ademais, as narrati-

¹⁷Vejam-se os comentários sobre os mesmos in: **Dominguez**, Los Registros del Deseo, p 151-153.

vas sobre o tema em geral nos vêm de análises clínicas. Estas têm acesso a um número bastante reduzido de casos e não são consideradas outras realidades diferentes. Convém também ressaltar que hoje a sexualidade está bastante desvinculada da procriação. Grande dose de preconceitos está ligada à dificuldade de aceitar o prazer em si, julgando-o negativo, quando ele apenas é o resultado de algum tipo de ação ou realidade de sentido de vida. Todos precisamos encontrar uma forma de satisfação e de prazer na vida. Porém, este prazer pode vir de processos regressivos ou progressivos. Precisamos sentir satisfação em realizar bem o que convém realizar. É preciso experimentar que é melhor ser bom do que não o ser, e sentir gosto pelo que fazemos e somos.

Outra questão seria: com toda esta realidade nova que aparece neste nosso mundo atual, com tanta pesquisa em vários campos do comportamento humano, qual seria mesmo a finalidade do casamento? Não seria, por vezes, a força biológica que condiciona certos relacionamentos, em detrimento de tantos outros aspectos do agir humano? Quem teria capacidade de viver o casamento maduramente? Certamente precisamos estar atentos a transformações na compreensão do significado e da estruturação do casamento. A capacidade de amar não está diretamente relacionada com o casamento. Estudos mostram que ao redor de 60 a 70% das pessoas nunca chegam a uma maturidade desejada para assumir com responsabilidade e liberdade a vida, especialmente a vida a dois. A isso se acrescenta a tendência de as mulheres escolherem - para maridos - homens parecidos com seus pais, e homens escolherem - para esposas - mulheres parecidas com suas mães. Fica a pergunta: como crescer para a maturidade nestas tendências à repetição, mesmo sendo relativizadas por outros fatores? Algo semelhante se poderia falar sobre a escolha pela vida religiosa. A imaturidade também se faz sentir ali. Então, a questão não está em saber se os homossexuais podem casar e se é possível a opção pelo casamento ou pela vida religiosa. A questão está em ver o grau de maturidade e liberdade presente quando as pessoas fazem suas escolhas. Evidentemente há escolhas que em si mesmas facilitam a suposição da presença de maturidade ou imaturidade. Mas, conclusões apressadas sempre foram frágeis em certos temas. O ideal a alcançar é o da *libertação de* imaturidades que dificultam fazer opções existenciais maduras para usar uma *liberdade para* a auto-transcendência no amor, amor como dom, como gratuidade, como Reino.

Hoje, é preciso ajudar as pessoas a poderem assumir compromissos com liberdade. Neste sentido, uma ajuda não pode simplesmente legitimar imaturidades nem tampouco permanecer numa atitude crítica negativa, mas é preciso que ajude as pessoas a serem livres e capazes de fidelidade. Isso supõe a superação mínima dos conflitos internos dos envolvidos. A isso se acresce uma cultura de respeito e de ajuda. É o que se precisa empreender.

Assim, antes de se perguntar sobre a possibilidade de casar ou ser religioso/a, é preciso que aconteçam duas coisas importantes: a) tornar a pessoa muito livre e integrada - com a superação de seus conflitos intrapsíquicos, sobretudo daqueles ligados aos medos fundamentais de rejeição e solidão; b) saber qual forma de amar - particular ou universal - é da vontade de Deus em relação à pessoa, e ajudá-la a amar verdadeiramente. As consequências desta capacidade de amar incidem diretamente na questão de manter ou não a estrutura homossexual. Não vejo que uma pessoa profundamente livre, integrada e adulta mantenha uma estrutura homossexual. A recusa a uma análise desta estrutura - a

qual inclui a psicogênese e a psicodinâmica – indica recusa de crescimento e de eficácia apostólica, o que compromete qualitativamente o empenho vocacional. Estas duas questões se aplicam a qualquer estrutura heterossexual, para os que desejam casar ou seguir a vida religiosa.

5. Sintetizando e concluindo.

Os conflitos da estrutura homossexual são semelhantes aos conflitos intrapsíquicos de outras pessoas que não o são, mas com alguma especificidade. Na homossexualidade a variável sexual e uma identidade de gênero são mais centrais. É preciso pensar na maior ou menor centralidade¹⁸ dos conflitos.

Na formação, portanto, não se trata em primeiro lugar de saber se uma pessoa com estrutura homossexual pode ser aceita ou não, mas se existe uma estrutura de acompanhamento que possa ajudar a tornar as pessoas livres, ajudando-as a ter acesso às causas de suas dinâmicas bem como a superá-las para formas mais maduras. Em segundo lugar, é importante que haja um clima que garanta que as pessoas assumam o processo de crescimento. A não-aceitação do processo de crescimento, tanto para a estrutura homossexual como para outras, pode levantar questionamentos sobre a aceitação ou não de sua aceitação, pois influi muito na capacidade de viver de forma livre expressa na satisfação pessoal, na capacidade de viver em comunidade e na gratuidade e eficácia apostólica. É importante que a cultura da não discriminação e a cultura da responsabilidade moral de crescimento sejam assumidas tanto pela instituição quanto pelas pessoas que as integram ou pretendam integrá-la.

Todos reagimos frente ao desamor. Quanto mais intensa é a experiência de desamor, maior o medo da rejeição com suas diferentes formas, e maior o medo da solidão ou de ser deixado de lado. A busca de ser aceito, valorizado, reconhecido e amado expressa os grandes desejos humanos. Estes repercutem em manifestações de agressividade, de compensações e outras. Disso decorrem certas sensibilidades e medos, projetados também em outros aspectos da vida, inclusive em opções existenciais mais amplas. Estas características podem também ser encontradas em homossexuais.

Há outros processos humanos diferentes da homossexualidade; alguns intensamente patológicos, que são também graves, ou até mais graves, que precisam de grande atenção. Entre estes podemos citar, por exemplo, tendências ao suicídio, atentados diretos contra a própria vida e a vida de outros, profundos estados depressivos, e assim por diante.

O desafio consiste, entre outros aspectos, em superar certos preconceitos e posicionamentos um tanto superficiais sobre a homossexualidade e analisar a estrutura psíquica profunda subjacente. Convém encontrar os melhores conteúdos e processos para ajudar a

¹⁸ A centralidade, segundo Rulla, deriva de alguns aspectos: grau de conflito (sempre, quase sempre, muitas vezes, quase nunca presente no dia-a-dia), número e tipo de necessidades dissonantes que atuam na pessoa, é central para atingir os objetivos propostos para a vida, colocação dos mecanismos de defesa nesta questão.

estas pessoas a viverem com menos ansiedade, a compreenderem sua história, a se reconciliarem consigo mesmas, a fazerem opções mais livres por causas adultas e responsáveis, dentro do respectivo estado de vida. Este desafio precisa ser encarado por todas as instituições e todas as pessoas envolvidas. Não se pode, hoje, renunciar e prescindir de uma ajuda profunda a todos como processo de acompanhamento que atinge todas as variáveis antropológicas¹⁹.

¹⁹ Sobre o processo de acompanhamento veja-se de: Ir. Paulo Dullius, in: **Convergência**, março 2009, nº 419, p. 147-157.